

# Sargento diz que mortos no Traíra eram garimpeiros

Mais uma testemunha desmente versão do Exército em 91

Amaury Ribeiro Jr

• BARRA BONITA (SP). Uma nova testemunha do conflito do Rio Traíra, o segundo sargento da ativa Charles Henri, de 37 anos, desmente a versão oficial do Exército sobre o caso, que está sendo reconstituído por um inquérito policial-militar (IPM), aberto depois de testemunhas terem afirmado ao GLOBO que garimpeiros colombianos foram alvo de uma ação de represália de oficiais do Exército brasileiro a um ataque de guerrilheiros das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc). Oficialmente, o Exército sustentava desde 1991 que guerrilheiros tinham sido atingidos. Henri contou ter invadido com outros militares brasileiros o território colombiano, em 4 de março de 1991, para prender três garimpeiros, e não guerrilheiros.

Segundo Henri, esses garimpeiros desapareceram um dia depois de terem sido levados até o destacamento do Exército, onde foram mantidos como prisioneiros. Até o início do IPM, em junho, o Exército dizia que a represália teria ocorrido contra sete guerrilheiros mortos em combate no dia 4 de março. Essa versão, porém, tem sido desmentida no IPM por militares da reserva e da ativa. Segundo eles, os mortos eram garimpeiros que foram executados depois de presos em território da Colômbia.

O sargento Henri, hoje lotado num Posto do II Exército em Bauru (SP), afirma que a morte de sete guerrilheiros não passou de uma montagem de quatro militares — um major, um capitão e dois sargentos. Para Henri, os quatro

inventaram o que chama de farsa para serem condecorados.

## Possibilidade de punição não intimida o sargento

Embora possa ser punido — o Exército proíbe que militares da ativa concedam entrevistas —, o sargento disse que resolveu contar o que viu para que a verdade seja esclarecida. Segundo Henri, os oficiais botaram os três garimpeiros num barco e deixaram o destacamento. Ao retornarem com o barco sem os prisioneiros, disseram que tinham entrado em choque com guerrilheiros da Farc. Para comprovar a versão, trouxeram no barco roupas, duas pistolas e um fuzil, que teriam sido apreendidos, segundo eles, dos guerrilheiros.

— Um dizia que havia matado nove guerrilheiros. Para outro, eram sete os mortos. Enquanto isso, o major fotografava as roupas e o fuzil, que teriam sido recuperados dos guerrilheiros — disse.

Dizendo-se disposto a depor no IPM (a fase de coleta de depoimentos terminou na se-

mana passada) e a participar de acareações com os quatro oficiais, o sargento contou que ao desconfiar que os mortos não eram guerrilheiros, pediu a um soldado que verificasse o número do fuzil que teria sido apreendido. O soldado voltou com os olhos arregalados ao verificar que as armas pertenciam ao próprio major.

— Meia hora depois, presenciei a farsa ser concretizada: vi o major ligar para o comando do Exército em Tabatinga, anunciando a morte dos sete guerrilheiros.

## Oficiais receberam medalhas por ação

Em Tabatinga, Henri quis reunir provas, ao tentar pegar o protocolo da arma que os quatro oficiais diziam ter recuperado da guerrilha, mas foi impedido pelo serviço secreto do Exército.

— Já estava com a papeleta da arma do major quando agentes me tomaram. Os quatro oficiais receberam a Medalha Duque de Caxias Em protesto, eu não fiquei em formação na premiação — disse Henri. ■

## Entenda o caso

• O confronto do Traíra aconteceu em 1991, na fronteira do Brasil com a Colômbia. Guerrilheiros das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) atacaram um posto do Exército brasileiro na região do Rio Traíra, matando três soldados. Em reação, oficiais brasileiros realizaram uma ação militar. Desde 91, o Exército dizia que

sete mortos na operação eram guerrilheiros da Farc que reagiram à ação das tropas brasileiras. Ex-militares contaram ao GLOBO em maio passado que, na verdade, os mortos eram garimpeiros colombianos. Um IPM foi aberto em junho. Os ex-militares confirmaram os assassinatos. Em seus depoimentos, os oficiais negaram os crimes.